

DeROSE

Doutor *Honoris Causa*, Comendador e Notório Saber
por diversas entidades culturais e humanitárias.
Conselheiro da Ordem dos Parlamentares do Brasil.

TRECHO SELECIONADO DO LIVRO

QUANDO É PRECISO SER FORTE

PARA DIVULGAÇÃO DA OBRA

Contém parte do capítulo *Quando aprendi a ser forte.*



SOB A CHANCELA DA

UNIVERSIDADE DE YÔGA

registrada nos termos dos artigos 45 e 46 do Código Civil Brasileiro
Al. Jaú, 2000 – Tel.(00 55 11) 3081-9821 – São Paulo

Endereços nas demais cidades encontram-se no *website*:

www.uni-yoga.org

PORQUE ESTE LIVRO FOI IMPRESSO EM PAPEL RECICLADO

Quando penso nos milhares de livros, jornais e revistas que são impressos todos os dias, muitos dos quais não têm a menor relevância e que vão para o lixo comum sem sequer poderem ser reaproveitados, não posso deixar de imaginar a quantidade de árvores abatidas inutilmente.

Qualquer pessoa com um mínimo de consciência ambiental preocupa-se com a destruição das florestas para a produção de papel. Mas, não são só as árvores. Na produção industrial do papel consome-se água, poluem-se os rios, suja-se o ar, gasta-se energia e contribui-se para o aquecimento global. O próprio solo do qual são retiradas as árvores deixam de receber de volta os elementos nutritivos que foram extraídos dele para o crescimento da madeira, agora retirada do seu local de origem e levada aos milhões de toneladas para as indústrias. Solo esse que poderia ter sido usado no plantio de alimentos suficientes para aplacar a fome no mundo.

Reciclar é preciso. Trata-se de um indício seguro de civilidade e constitui a única saída para um planeta superpovoado, poluído e padecendo de uma crescente escassez de recursos naturais.

Não importa se o custo de edição vai me sair mais caro. Meus leitores fazem parte de uma tribo engajada, responsável, com a consciência de que vale a pena um pequeno esforço de cada um em prol da proteção ambiental, em benefício de todos.

Temos a certeza de que outros autores e editoras seguirão o nosso exemplo e logo passarão a imprimir suas obras com papel reciclado, sem desmatar e sem destruir tantos milhares de árvores.

QUANDO APRENDI A SER FORTE

Obstáculos e dificuldades fazem parte da vida.

E a vida é a arte de superá-los.

DeRose

Recentemente, eu estava em Paris onde fora ministrar um curso e tive a satisfação de conversar longamente com meu supervisionado e amigo Gustavo Cardoso que atualmente ensina o nosso Método em Londres. Consultava-me sobre as dificuldades que ele enfrentava na época. Gustavo me relatou as árduas penas que experimentara por ser um professor exercendo a profissão em outro país. Para consolá-lo, compartilhei os meus pesares. Fui contando meus percalços e, em dado momento, Gustavo me disse:

– DeRose, você deveria escrever sobre isso, porque as pessoas que o conheceram nos últimos anos acham que todo o seu sucesso caiu do céu e que foi fácil vencer. Isso serviria de estímulo aos que estão começando agora, para que saibam persistir.

NÃO DESISTA, NÃO ENTRE EM PÂNICO, NEM FIQUE DEPRIMIDO

Heroísmo é a perseverança por um momento a mais.

George Kennan

Portanto, pela sugestão do meu bom amigo, já meio londrino, escrevo este capítulo para encorajar aqueles que estiverem passando por dificuldades e fases de desânimo, seja na nossa ou noutra profissão. Há momentos na vida nos quais tudo parece dar errado. Nessas horas achamos que

nada dá certo, que não fomos feitos para esta carreira, que somos mesmo uns incapazes. Nossa auto-estima desce ao subsolo do respeito próprio e poderemos chegar a supor que haja uma conspiração contra nós.

Não é nada disso. O que estará ocorrendo serão os eventos naturais da vida. Nós é que não fomos devidamente preparados para ela. Tais eventos são como a fermentação da massa do pão. Enquanto o fermento age, o cheiro não é nada agradável, nem o gosto. Contudo, é uma fase necessária para que dali saia um pão excelente. Antes disso ele precisará ser submetido a terríveis temperaturas no forno que o assará sem misericórdia. Se você está na fase de fermentação, pode esperar que ocorram situações ainda mais difíceis no futuro, que o causticarão impietosamente. Mas, depois, você colherá os mais saborosos resultados por muitos anos.

Portanto, o relato dos fatos aqui registrados não tem o objetivo de lamentação, nem de gerar piedade, pois, afinal, venci e estou muito bem. Com quase meio século de carreira profissional, tive uma vida maravilhosa e até os momentos duros, hoje sei que foram bons¹. Exponho estes fatos para incentivá-lo, para ilustrar as dificuldades que nos espreitam e para demonstrar que você também pode vencer.

1 Leia o capítulo *Karma e dharma* do meu livro *Tratado de Yôga*, quando desenvolve o tema: "Não existe karma bom ou karma ruim, assim como não existe fogo bom ou fogo mau. Nós assim os classificamos conforme suas conseqüências imediatas sejam convenientes para nós ou não o sejam. Diversas vezes aquilo que chamamos de karma ruim é algo que está criando as bases de algo muito bom no futuro. É como alguém que passe fome ou seja muito perseguido e, na hora, considere isso um mau karma. No entanto, com o passar do tempo essas desditas geram uma têmpera mais forte, que virá a ser bem útil, por um tempo bastante maior." Daí a nossa máxima: Mal é o nome que eu dou à semente do bem.

HOJE, O SUCESSO, MAS NEM SEMPRE FOI ASSIM

*Se você acha que é o melhor,
isso significa que não procurou o suficiente.*

DeRose

Sou extremamente grato aos meus alunos, aos meus colegas, à Imprensa e à opinião pública pelo privilégio de ser considerado hoje como referência na área de Yôga. Contabilizo a satisfação de ter contribuído com mais de 20 livros e de ter expandido o nosso trabalho por outros países como França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Espanha, Portugal, Bélgica, Escócia, Argentina, Chile, Peru, Guatemala, Havaí, Indonésia, Canadá, Estados Unidos etc.

Mas, nem sempre foi assim. Este capítulo é para revelar o outro lado, o lado *dark*, aquele que em geral as pessoas escondem. Aqui vou confessar meus erros para que o leitor, seja qual for sua profissão, tente evitá-los na sua carreira. E vou denunciar também a incoerência daqueles que dizem praticar ou ensinar Yôga, mas cuja vida certamente é tão infeliz e o caráter tão maligno que dedicam sua existência a perseguir, agredir, caluniar e tentar destruir os que conseguiram realizações mais relevantes que as deles em prol do Yôga. É lamentável.

Espero que tudo isto venha a ser útil em algum sentido, a alguém, em algum lugar.

VINTE ANOS ASSANDO O PÃO

Existo porque insisto.

Autor desconhecido

Dos meus vinte aos quarenta anos de idade vivi uma fase que chamo bem-humoradamente *anos de penúria* porque foi um período em que as campanhas dos maledicentes conseguiram me impor um estado de extrema privação. Era uma

época em que a diferença entre comer e não comer dependia de conseguir vender um tubete de incenso, ou não, naquele dia.

Pelo menos eu tinha onde morar, pois dormia na sala de aula. E isso não é coisa pouca. Imagine se em tal situação ainda tivesse que alugar um apartamento ou algo semelhante. Além do mais eu gostava de dormir no chão, pois estava na moda dormir em tatame. Bem, tatame mesmo eu não tinha, mas dispunha dos colchonetes de Yôga que se usavam naquela altura para praticar.

Foi um momento na minha vida em que só conseguia trocar de camiseta quando algum aluno apiedado me dava uma nova de presente. “Ô, De. Essa camiseta tá muito velha. Fica com esta aqui que eu ganhei do meu pai.” Salvou-me a felicidade que sempre tive dentro de mim, talvez decorrente da meditação que desencadeia um estado de regozijo interior (*ánanda*) e, graças a isso nunca me senti infeliz nem tive pena de mim mesmo. Prosseguia fazendo o meu trabalho com entusiasmo e com a esperança de que se trabalhasse bastante, com o tempo as coisas melhorariam.

A bigorna dura mais do que martelo que a agride.

Autor desconhecido

[...] Quando comecei em 1964 eu não entendia nada das burocracias de legalização e contabilidade. Assim, contratei um despachante para legalizar minha escola. No entanto, dizia ele, não era possível registrar um estabelecimento de Yôga, pois esse segmento não estava previsto na lei. Então, para que o meu alvará fosse expedido, ele precisaria declarar que era uma “academia de ginástica e Yôga com vendas de produtos para esse fim”. Dessa forma, a prefeitura permitira que eu me estabelecesse. Conversa! O despachante é que não sabia fazer o registro corretamente e fez como conhecia,

ou seja, tudo errado. Entreguei minha contabilidade a um contador. Foi o segundo erro. Seja qual for o profissional, devemos supervisionar o seu trabalho e não nos acomodarmos. Eu confiei e relaxei. Deveria estar tudo correto e legal.

Em 1969 me visitou um fiscal da receita estadual e pediu para ver as notas fiscais e os livros caixa e diário, bem como os balancetes. Aquilo para mim era grego. Encaminhei o pedido ao contador. Mas ele não entregava nada. O fiscal esbravejava e ameaçava, ainda mais percebendo que lidava com um gurizote leigo naqueles assuntos. [...] A cada visita o fiscal ficava mais agressivo. Até que me deu uma derradeira data para a entrega dos documentos. Eu telefonava outra e outra vez ao contador... e nada. Na última noite do prazo fui à casa dele e disse-lhe que eu não sairia de lá sem os documentos. Documentos ele não tinha. Mas me deu uma folha de papel com uns rascunhos a lápis e disse que era para apresentar aquilo.

No dia seguinte, quando o fiscal chegou entreguei-lhe o nefasto papel. Ele olhou com desdém aquela folha rabiscada a lápis e perguntou pelos livros. “Não tem livros”, disse-lhe. “O contador mandou entregar essa folha aí.” Ele, então, resmungou, fez as contas e arbitrou uma multa tão alta que ele sabia perfeitamente que aquele jovem maltrapilho não teria condições de pagar. Estava, com isso, assinando a sentença de morte da minha escola e da minha profissão, pois nenhum clube, academia, SESC, ACM me deixava trabalhar. Se eu não tivesse minha própria escola, não poderia continuar dando aulas de Yôga. [...]

Assim, fiquei esperando pelo edital na minha porta, lacrando-a, e me impedindo de entrar para trabalhar. Era uma questão de dias.

Nesse meio tempo fui visitado por uma candidata de vinte anos que desejava praticar Yôga. Expliquei-lhe a situação e disse-lhe que não poderia cobrar nada dela, pois era bem possível que chegasse para a aula e minha escola já tivesse sido fechada. Portanto, podia vir fazer Yôga gratuitamente enquanto eu ainda estivesse de portas abertas. Quando fechasse, acabava. Ela praticou, gostou, viu que o trabalho era sério e lamentou que a escola estivesse em vias de ser fechada. Aí, propôs-me um negócio. Ela pagaria minha enorme suposta dívida com o estado, mais muitas estratosféricas, e em troca eu lhe daria aulas sem cobrar nada *ad æternum*. Eu não estava em condições de discutir. Aceitei, comovido. Ela foi lá, pagou e limpou o meu nome.

Dali a mais alguns dias, propôs-me outro negócio.

– Você não queria abrir uma escola em Copacabana²? Eu posso vender um apartamento de minha propriedade, comprar uma sala e alugar para você.

Mesmo tendo sido vítima da traição com a proposta daquele mal-intencionado sócio anterior, agora a situação era diferente. Esta jovem já havia quitado as minhas dívidas. Aceitei agradecido.

Ela vendeu seu único imóvel, para comprar uma sala na Av. Copacabana, 583/306. Mas seu dinheiro só daria para a entrada mais a reforma. O restante do valor da compra seria parcelado em 36 meses. Então combinamos que eu pagaria um aluguel mensal suficiente para saldar as parcelas da transação. Não sobrava dinheiro nem para comer, mas eu me encontrava exultante, pois, estava instalado numa salinha

² Copacabana estava no auge. Nas décadas de 1960 e 1970 era a “princesinha do mar”.

aconchegante, montada do jeito que eu queria, no bairro sonhado e tinha uma sensação de segurança.

O nome daquela jovem era Eliane Lobato. Tornamo-nos parceiros, amigos, companheiros e terminamos casados. Mais do que a todos os seres humanos, tenho por ela a maior e a mais emocionada gratidão. Nem sei o que seria de mim hoje se ela não me tivesse dado a mão na década de sessenta e depois, novamente, em 1970. Imagine-se o que faria um homem de vinte e tantos anos que tivesse tentado tudo para desempenhar um trabalho honesto e, sistematicamente, tudo lhe fosse tomado. Para onde a adrenalina e a testosterona teriam conduzido aquele ser humano que não tinha saída? Será que teria dado coisa boa? Será que teria se revoltado e partido para uma vida menos louvável? Creio que posso dizer sem sombra de dúvida que devo o que sou hoje à Eliane.

Nessa época encontrei pessoas que me ajudaram tanto que sua lembrança me comove. Em 1971 eu havia me casado com Eliane Lobato. Por aquela altura estávamos os dois sem um vintém, pois o que Eliane tinha, ela investira na compra e reforma da sala de Copacabana. O que eu pagava de aluguel ia amortizar a aquisição do imóvel. Para nós não sobrava nada. Certo dia, precisei mandar instalar um suporte para pastas suspensas sob a minha mesa da sala de diretoria. Enquanto o marceneiro, um senhor de seus sessenta e tantos anos, concluía o trabalho, Eliane, agora com 21 aninhos me chamou na outra sala e choramingou:

– Tô com fome... Você acha que nós vamos poder almoçar?

Mesmo estando noutra aposento, respondi baixinho:

– Não sei. Depende de quanto ele for cobrar pelo serviço.

Concluída a colocação do suporte, perguntei quanto era. O velhinho me respondeu, com um doce sorriso:

– Não é nada, não. Vá almoçar com a sua menina.

Até hoje me rolam as lágrimas cada vez que recordo aquele momento. Quando conto esse caso, sempre passo vergonha, pois não consigo conter a emoção, como agora ao escrever.

Passado algum tempo, Eliane me fez outra proposta:

– DeRose, quem está pagando o imóvel é você mesmo, então, porque não passá-lo para o seu nome? Eu comprei a sala por 54.000 cruzeiros. Você me compra esse imóvel por 74.000. Com a diferença, mais uma herança que receberei em vida do meu pai, compro um apartamento na Rua Cinco de Julho.

Perceba como ela articulou inteligentemente para me ajudar sem arrasar minha auto-estima. Ela não me ofereceu nenhuma esmola. Deu-me condições para que comprasse com dignidade minha sala própria, meu primeiro imóvel. E ainda o comprou por 54.000 e revendeu por 74.000 pouco tempo depois, numa época quase sem inflação, em 1971. Ela foi muito lúcida.

Em 1975 Eliane e eu nos separamos. Um dos motivos foi que ela queria ter filhos, mas eu estava traumatizado com a separação anterior em que perdera meu filho ainda pequeno e não suportaria passar por aquela experiência devastadora outra vez. Eu não queria mais ter filhos. Eliane se casou novamente e teve duas meninas, Parvaṭī e Lakshṁī, das quais tive a satisfação de ser padrinho e que passaram a constituir minha família. Eliane hoje é a minha amiga mais antiga. Já vai fazer 40 anos que somos como irmãos. Parvaṭī e Lakshṁī, com mais de trinta anos de idade são minhas adoradas sobrinhas.



Em 2007, Eliane Lobato, a amiga mais antiga, e sua filha Parvatī, na cerimônia em que DeRose foi agraciado com o título de Sócio Honorário do Rotary e na qual recebeu a Medalha Paul Harris por relevantes serviços prestados à sociedade.

Hoje vejo o quanto aqueles tempos eram difíceis, pois, quando em 1974 comecei a ser convidado para dar cursos em outras cidades e estados eu não ganhava quase nada pelas aulas, mas a motivação maior de aceitar viajar todos os fins de semana era que, quando ficava hospedado pelos que me convidavam, eu conseguiria comer nas sextas, sábados e domingos – e isso era quase a metade da semana!

Todas essas ocorrências foram fundamentais para que eu aprendesse a ser forte e, também, para que aprendesse a valorizar cada pedacinho de patrimônio conquistado ao longo de quase 50 anos de profissão. Também foi bom passar por tudo isso para poder ensinar aos meus alunos como vencer na vida: o conhecimento mais importante é a noção de que dinheiro é uma energia volátil. Ele muda de mãos com muita facilidade. É da sua natureza. Quem não tem, ganha. Quem tem, perde. Portanto, se você se encontra na extremidade mais baixa dessa escala, fique tranquilo. Sua

predisposição será crescer, pois descer alguém desse ponto é improvável. [...]

Finalmente, o reconhecimento! Tenho a plena consciência de que se não houvesse contado com a generosidade da Imprensa meu trabalho não teria alcançado a relevância que hoje é pública e notória. Sou grato aos que acreditaram em mim e me ajudaram. Sou grato aos que estão ao meu lado há mais de vinte e há mais de trinta anos e que sempre me apoiaram com comovente nobreza de espírito. Sou grato a você, estimado leitor, que soube me fazer companhia durante esta jornada, por vezes chorando comigo, por outras dando boas risadas ao meu lado nestas páginas.



DeRose recebendo a Medalha da Paz, da ONU Brasil, em 2006.

DeROSE

DeRose é Doutor *Honoris Causa*, Comendador e Notório Saber por várias entidades culturais, Conselheiro da Ordem dos Parlamentares do Brasil e Conselheiro da Academia Latino-Americana de Arte. Tem quase 50 anos de carreira e 24 anos de viagens à Índia, freqüentando durante estas estadas no país inúmeras escolas, *ashrams* e outras entidades culturais, nas quais buscou aprimorar seu conhecimento da Filosofia Hindu.

Em 2001 recebeu da Sociedade Brasileira de Educação e Integração a *Comenda da Ordem do Mérito de Educação e Integração*.

Em 2003 recebeu outro título de *Comendador*, agora pela Academia Brasileira de Arte, Cultura e História.

Em 2004 recebeu o grau de *Cavaleiro*, pela Ordem dos Nobres Cavaleiros de São Paulo, reconhecida pelo Comando do Regimento de Cavalaria Nove de Julho, da Polícia Militar do Estado de São Paulo.

Em 2006 recebeu a Medalha Tiradentes pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro e a Medalha da Paz, pela ONU Brasil. No mesmo ano, recebeu o reconhecimento do título de Doutor *Honoris Causa* pela Câmara Brasileira de Cultura e por várias outras instituições culturais, e o Diploma do Mérito Histórico e Cultural no grau de Grande Oficial. Foi nomeado Conselheiro da Ordem dos Parlamentares do Brasil.

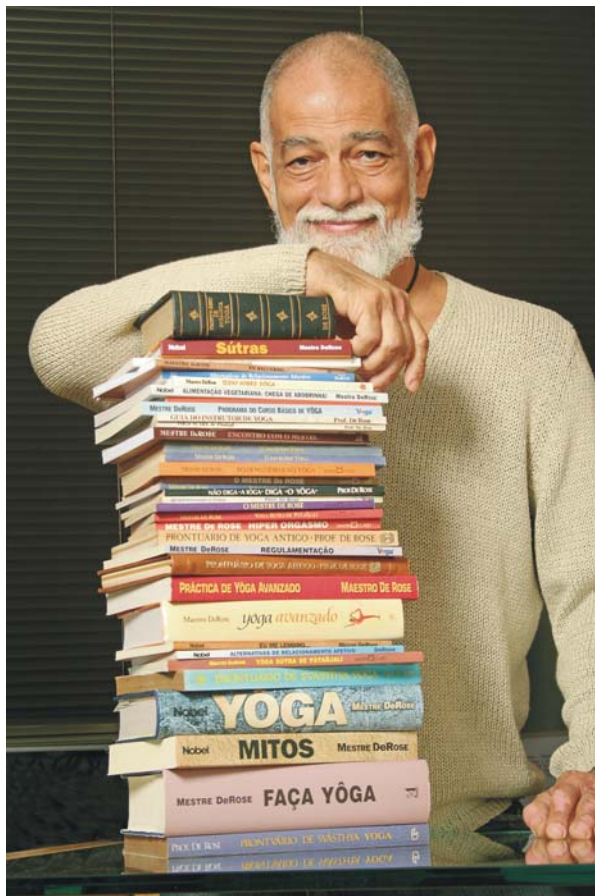
Em 2007, recebeu o título de Sócio Honorário do Rotary e a medalha Paul Harris da Fundação Rotária do Rotary International. No mesmo ano foi agraciado com a Medalha da OEA (Organização dos Estados Americanos das Nações Unidas). Nesse mesmo ano recebeu a Cruz Acadêmica da

Federação das Academias de Letras e Artes do Estado de São Paulo “por ações meritórias e enaltecedoras ao desenvolvimento da Nação”. Em 30 de Janeiro de 2007, recebeu Moção de Votos de Júbilo e Congratulações da Câmara Municipal de São Paulo (RDS 3059/2006). Em Dezembro de 2007 recebeu a Medalha Marechal Falconière, do Exército Brasileiro.

Por lei estadual a data do aniversário do educador De-Rose, dia 18 de fevereiro, foi instituída como o Dia do Yôga em **ONZE ESTADOS**: São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Goiás. E também no Distrito Federal.



Algumas das medalhas mencionadas no presente histórico.



O AUTOR COM SUAS OBRAS
Mais de um milhão de livros vendidos.

Gostou do que leu?

Se você gostou do extrato que lhe oferecemos neste livreto de divulgação, certamente apreciará muito mais o livro inteiro.

*O livro **Quando é Preciso Ser Forte** encontra-se nas livrarias para que você o folheie e conheça mais capítulos interessantes.*

Você pode adquiri-lo nas melhores livrarias ou pelos telefones da Universidade de Yôga, em São Paulo:

(11) 3081-9821, 3088-9491 ou 9312-6714.

Os telefones nas outras capitais do Brasil, Portugal, Argentina, França, Inglaterra e demais países você encontra no site:

www.DeRose.org.br

Teremos muita satisfação em lhe atender.

Comissão Editorial